

## Uma proposta de interface entre dois domínios da análise de discurso: a linha francesa e a sua relação com a teoria crítica do discurso

Luis Felipe Rosado\*  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
CNPQ/PIBIC

Resumo: *Múltiplas práticas teórico-analíticas se estabelecem hoje sob o título de análise de discurso. É comum que nesse processo muitos conceitos se apresentem como um espaço de confronto aberto entre posicionamentos epistemológicos distintos. O nosso trabalho procura lançar luz sobre as práticas vizinhas em análise de discurso que estão operando sob o mesmo rótulo, como é o caso da análise do discurso crítica e da análise do discurso de linha francesa. Para tal, relacionamos a obra *Discurso e Mudança Social*, trabalho onde Norman Fairclough expõe as bases de sua teoria do discurso, com as principais questões concernentes ao quadro epistemológico da análise do discurso de linha francesa, cujas principais referências são Michel Pêcheux e, no Brasil, Eni Orlandi. É no movimento de Fairclough, partindo da *Linguística Crítica Inglesa* para a leitura dos teóricos franceses, que procuramos contrastar os elementos de sua abordagem com as questões teóricas da análise do discurso francesa. O desenvolvimento do nosso trabalho aponta para uma profunda divergência de base epistêmica, algo que evidencia uma incompatibilidade entre as duas práticas em análise de discurso em questão.*

### Introdução

A expressão *análise de discurso* tem suscitado, em função da sua multiplicidade de significados em circulação, uma série de equívocos. É notória a variedade de campos científicos que utilizam a expressão para identificarem sua prática analítica. Sobretudo a partir da década de 60, o estudo da língua por ela mesma começa a ser desestabilizado com novas propostas. Surge a preocupação com o uso da linguagem, estende-se a análise para além da frase, introduzem-se componentes pragmáticos e a dimensão social começa a fazer parte do estudo da língua com o objetivo de combater o formalismo, dando lugar ao surgimento de diferentes práticas sob o rótulo de análise de discurso. Embora seja indiscutível o pioneirismo de Bakhtin no quadro de críticas, ao mesmo tempo na negação do *objetivismo abstrato* e do *subjetivismo idealista*, é a partir dos anos 70 que surgem duas práticas em particulares conjunturas, nascidas no encontro de determinados ramos da tradição sociológica e marxista com propostas de reformulação da teoria lingüística: a análise do discurso de linha francesa<sup>1</sup> (doravante AD) e a lingüística crítica no mundo anglo-saxão (que posteriormente vai constituir a Análise do Discurso Crítica<sup>2</sup> – doravante ADC).

Da pluralidade de práticas analíticas<sup>3</sup> espalhadas pelas universidades e centros de

---

\* Aluno de graduação em ciências sociais – IFCH/UFRGS - bolsista de iniciação científica do projeto *As interfaces da Análise de Discurso no quadro das ciências humanas*.

pesquisa, interessamo-nos particularmente pela relação entre essas duas abordagens críticas. Isto porque, no campo das perspectivas mais sociologizadas nos estudos da linguagem, assim como em qualquer outro domínio teórico, constata-se uma permanente luta pela definição da melhor *caixa de ferramentas*, sobretudo em um espaço de complexas filiações históricas e multidisciplinares ou em um espaço de constituição de empreendimentos autônomos *entre* disciplinas tradicionais. Procuramos focalizar na história da constituição da ADC o ponto em que ela toca a AD. É precisamente no momento em que Norman Fairclough parte da retificação da lingüística crítica (e da avaliação também crítica da Análise da Conversação e da Sociolingüística) para a leitura dos teóricos franceses (em especial: Pêcheux, Foucault e Althusser).

São importantes para a interface, dentro do nosso recorte, justamente esse movimento, onde lançamos luz principalmente sobre os consensos e dissensos de Fairclough em relação a Pêcheux. Trabalharemos aqui também com a distinção já observada por Eni Orlandi (2002) entre a prática em análise de discurso na França (caracterizada por um trabalho teórico-abstrato) com a perspectiva anglo-saxã, cujo caráter é mais empirista. Apesar da distinção de Orlandi, temos por objetivo mostrar como a diferenciação entre as práticas opera na filiação teórica e histórica dos dois domínios. O que subjaz às considerações dos dois pólos da interface, em termos históricos, são as discussões, de um lado, da História Francesa das Ciências, e de outro, em menor medida, da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, e em grande medida, da epistemologia Crítica Realista de Bhaskar. Nesse sentido trabalharemos com a hipótese na qual o que configura e distingue as duas práticas tem uma motivação mais profunda e não resolvida de caráter epistemológico.

O que interessa saber acerca da interface dos nossos objetos é quais são os pontos de conflito. No foco da proposta de síntese da ADC procuramos identificar alguns deles, notadamente o de agente/sujeito e o de discurso. O nosso modo de proceder consiste em colocar os textos lado a lado para observar em que aspectos eles se encaminham para a convergência ou para divergência - sublinhando-se aí, em especial, como se dão os movimentos de ressemantização dos conceitos. Em função de nosso recorte, vamos apenas apontar algumas questões problemáticas e passíveis de comparação.

### **As duas construções do discurso**

Os trabalhos teóricos buscam responder a um determinado conjunto de pressupostos que autorizam a construção e a operacionalização do discurso como objeto de análise: trata-se do chamado *lugar* de onde se fala e da chamada *vigilância epistemológica*. Pêcheux e Fairclough, como teóricos fundamentais das duas perspectivas teórico-analíticas em questão, partem de lugares diferentes e isto acarreta ênfases e prioridades distintas. Vejamos para onde Fairclough aponta, propondo um deslocamento em relação ao trabalho dos analistas de discurso franceses.

Ao propor a sua teoria social do discurso, Fairclough está assumindo múltiplos deslocamentos: em relação a Saussure, à Sociolingüística e ao que ele chama de abordagem estruturalista do analista de discurso francês, Michel Pêcheux. *Ao usar o termo discurso*, nos diz Fairclough,

*proponho considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais* (FAIRCLOUGH, 1994).

O discurso deve ser visto como um modo de ação, como uma prática que altera o mundo e altera

os outros indivíduos no mundo. A dimensão do discurso constitutiva do social, inspirada em Foucault, possui três efeitos segundo o autor: 1) o discurso contribui para a construção do que é referido como *identidades sociais* e posições de sujeito, para o sujeito social e os tipos de EU; 2) O discurso contribui para a construção das relações sociais; 3) o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença. São portanto essas as três funções da linguagem, e soma-se a elas uma função desenvolvida no trabalho de Halliday (1978), que é a função textual do discurso que trata das ligações das *partes do texto*

*com outras partes precedentes e seguintes e com a situação social fora do texto'* (FAIRCLOUGH, 1994, grifo do autor).

O discurso é ainda proposto como uma noção tri-dimensional por Fairclough como uma tentativa de reunir três domínios: a teoria lingüística, a macro-sociologia e a micro-sociologia. Esses três níveis compreendem a dimensão textual, que incorpora as técnicas da lingüística sistêmica de Halliday, a dimensão da prática discursiva como uma prática social de produção, distribuição e consumo de textos - uma prática de atores ativos que atribuem sentido - e a dimensão social que trata das práticas discursivas em relação à estrutura social. Ao procurar ligar a abordagem macro - que diz respeito às relações já citadas entre práticas sociais e estruturas - com a micro sociológica - que lida com as práticas discursivas sob uma perspectiva interacional - o autor inviabiliza outras abordagens:

*Não se pode nem reconstruir o processo de produção nem explicar o processo de interpretação simplesmente por referência aos textos; eles são respectivamente traços e pistas desse processo e não podem ser produzidos nem interpretados sem o recurso dos membros* (FAIRCLOUGH, 1994).

Com a afirmação da necessidade dos *recursos dos membros*, o agente (ou o sujeito) reaparece em uma posição fundamental para todo o processo de análise discursiva. O anti-humanismo, que encarnava a diretriz comum dos teóricos pós-estruturalistas, encontra o seu oposto, em algumas dimensões da proposta de trabalho de Fairclough: o mundo é constituído pela atribuição de sentido que os atores sociais lhe impõem. Sem a interação subjetiva, a intenção dos sujeitos e a atribuição de sentido aos objetos, não existem condições para explicar o processo de produção do discurso e dos sentidos. Aqui, chegamos em um ponto crucial, de natureza epistemológica, das duas correntes. Quando Fairclough nos diz:

*eu aceito a afirmação interpretativa segundo a qual devemos tentar compreender como os membros das comunidades sociais produzem seus mundos ordenados ou explicáveis,*

ele aponta para uma filiação que está em profunda divergência com a AD desde o seu primeiro momento. Quando a AD surge, ela procura sobretudo combater uma tendência interpretativista/conteudista nas ciências sociais que lida com o texto como se ele fosse uma superfície transparente, onde, naturalmente, os indivíduos mergulham para buscar os sentidos.

No entanto, a proposta de Fairclough é caracterizada por um esforço de síntese de múltiplas contribuições teóricas mesmo aquelas que se contrapõem, cujo resultado deve auxiliar a pesquisa científica social a estudar os processos de mudança social. Nesse sentido, as abordagens mais estruturais-objetivistas, como as de Althusser, servem com ressalvas. Por essa razão, outros trabalhos teóricos que se apóiam em suas principais contribuições epistemológicas,

como o do pós-estruturalista Pêcheux, recebem a seguinte designação:

*O Estruturalismo (representado, por exemplo, pela abordagem de Pêcheux [...]) trata a prática discursiva e o evento discursivo como meros exemplos de estruturas discursivas, que são elas próprias representadas como unitárias e fixas. Considera a prática discursiva em termos de um modelo de causalidade mecânica (e, portanto, pessimista).* (FAIRCLOUGH, 1994).

Esse comentário serve para justificar a sua proposição de uma dialética entre estrutura e evento para tratar das práticas discursivas proposta que encontra as suas bases na discussão da epistemologia dos Realistas Críticos<sup>4</sup>. O autor argumenta que não devemos incorrer em uma ênfase indevida seja no caráter constitutivo do discurso em relação ao social, seja na determinação social do discurso. Isto quer dizer, em outras palavras, que o discurso por um lado constitui e representa uma parte importante da realidade social e, por outro, que ele contribui, sendo um reflexo de estruturas mais profundas, para a reprodução. Como a mudança social é um dos focos de Fairclough, a perspectiva de Althusser e daqueles por ele inspirados, que se propõem a demonstrar o peso da determinação estrutural sobre os indivíduos, é considerada pessimista. Pessimista porque não abre espaço para tratar dos eventos sociais cotidianos, da produção de sentido intersubjetiva, sem fazer remissões a processos estruturais mais amplos. Embora a questão da fluidez dos aparelhos ideológicos esteja presente em função da luta de classes, ela é constantemente ignorada em Fairclough. Althusser apresenta, sabe-se, a possibilidade da mudança na forma de esboçar a sua teoria das ideologias quando escreve sobre a reprodução: ele sempre tem o cuidado de colocar a palavra *transformação* ao seu lado. Pêcheux também procurou lidar com o acontecimento quando tratou do processo de interpelação como um ritual com falhas e brechas, como toda a estrutura atravessada pelo evento (voltaremos para isto mais tarde quando discutirmos a questão do sujeito).

É possível estabelecer uma linha divisória entre as duas abordagens AD e ADC no que diz respeito à relação estrutura/acontecimento. Fairclough parece ignorar a discussão de Pêcheux sobre o discurso em sua definição mais atualizada. Ainda, esses termos se entrecruzam e encontram tratamento tanto de um lado como de outro, seja em função de seu vasto leque de possibilidades metodológicas, seja em função da dialética constitutiva da proposta de caracterização do discurso de Fairclough. O acontecimento discursivo apresenta práticas discursivas e não-discursivas motivadas estruturalmente, mas por outro lado, os sujeitos é que estão a todo o momento ressignificando, colocando as estruturas em risco em suas práticas discursivas. As estruturas e as práticas revelam-se com uma fluidez sem precedentes, uma fluidez que recoloca o sujeito, agora ator motivado seja intencional ou ideologicamente, novamente no centro. O que é fundamental na AD, e ignorado na ADC, é a sofisticação na definição da *estrutura da língua*, ou da *materialidade lingüística* expressão que nos fornece uma idéia mais completa do que se trata a língua: uma estrutura opaca, atravessada pelos eventos sócio-históricos. Mesmo assim, para Fairclough a análise discursiva da escola francesa é tratada em termos semânticos muito estreitos. A crítica se explica em parte pelo exaustivo trabalho sobre a superfície discursiva empreendida pela ADC, apoiada em questões de coesão e coerência textuais. Agora, ela se invalida completamente dentro da perspectiva da AD: o que interessa não está na superfície do discurso, ela apenas contém os elementos que fornecem ao analista o acesso ao objeto discursivo. O que está em jogo é a explicitação dos mecanismos de produção de sentidos.

A AD, por sua vez, pode ser dividida em três fases, cuja transformação Michel Pêcheux

chama de *conversão filosófica do olhar*. A primeira fase é caracterizada pelo esforço de teorização de uma máquina estrutural-discursiva automática. Essa proposta de análise do discurso é inaugurada em 1969 com o lançamento do livro *Análise Automática do Discurso* de Pêcheux, cuja proposta é apresentação de algoritmos para a análise automática de discursos, apoiada no método de Harris (*Discourse Analysis* 1952). A passagem para a segunda fase é assim definida por Pêcheux:

*Esta tomada de posição estruturalista que se esfuma depois da AD-1 produz uma recusa (que, esta, não vai variar da AD-1 à AD-3) de qualquer metalíngua universal supostamente inscrita no inatismo do espírito humano e de toda suposição de um sujeito intencional como origem enunciativa de seu discurso. (PÊCHEUX, 1990).*

A segunda fase, AD-2, começa em 1975 com o lançamento de *Semântica e Discurso* de Pêcheux, aprimorando conceitos e introduzindo novidades fundamentais para a teoria: a noção de formação discursiva heterogênea, trabalhada na arqueologia de Foucault, aparece para *fazer explodir a noção de maquinaria estrutural fechada* (PÊCHEUX, 1990) da fase anterior. Outra noção fundamental que surge é a de interdiscursividade, que se revela como base para se pensar o processo discursivo e é proveniente da filosofia da linguagem de Bakhtin. A AD-2 representou um período de amadurecimento, não-metodológico mas teórico, para a terceira fase, período no qual a teoria do discurso assumiu a sua forma atual: discurso como o encontro da estrutura e do acontecimento.

Na AD-3, uma inovação metodológica e uma sofisticação no tratamento do sujeito foi introduzida: até a AD-2, o método harristiano ainda funcionava, dando lugar na AD-3 ao chamado *gesto de leitura*; no tratamento do sujeito, a questão da dispersão do sujeito e suas posições na formação discursiva entram em cena para acabar a idéia do sujeito comportado em seu assujeitamento a uma forma-sujeito histórica determinada. Estamos, pois, na fase atual da AD onde a questão da enunciação pode ser recolocada (em termos diferentes dos de E. Benveniste) assim como a da interpretação – diferente, é preciso dizer, da noção em Fairclough. O discurso é dispersão de sentidos, porque é *efeito de sentido entre locutores*. Não existe no discurso univocidade de sentido, assim como não existe na língua e no sujeito do inconsciente, estruturado pela língua, a completude que se espera e se busca. O discurso como objeto construído pela AD deve ser encarado como um processo, um processo que se dá sobre a língua, como base, no encontro, como nos diz Orlandi (1992), de uma memória (interdiscurso) e de uma atualidade (o próprio movimento da produção material da vida). Ou, em outras palavras, de uma estrutura – a língua e a organização estrutural-ideológica do interdiscurso e o acontecimento – desencadeador da ruptura/do novo, abertura para a evidência da falta, do lapso e do investimento ideológico do sujeito que se inscreve e se dispersa no discurso, enunciando e sendo enunciado, a partir do que já foi dito e colocando a possibilidade, sobre o mesmo, de outros dizeres. Segundo Orlandi:

*A AD vai articular o lingüístico ao sócio-histórico e ao ideológico, colocando a linguagem na relação com os modos de produção social. Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Há, entre os diferentes modos de produção social, um modo de produção social específico que é o simbólico. Há pois praticas simbólicas significando (produzindo) o real. A materialidade do simbólico assim concebido é o discurso. (ORLANDI, 2002).*

A primazia do interdiscurso, no constante jogo do mesmo e do novo, é a grande descoberta da escola francesa, recuperada das reflexões da filosofia da linguagem marxista russa e desenvolvida na atmosfera pós-estruturalista. Sobre essa questão, Fairclough revela uma de suas filiações:

*Uma posição mais frutífera para a orientação histórica da mudança discursiva neste livro é a dos analistas franceses que sugerem que o interdiscurso, a complexa configuração interdependente de formações discursivas, tem primazia sobre as partes e as propriedades que não são previsíveis das partes (FAIRCLOUGH, 1994).*

Podemos resumir a AD em três proposições: 1) Ela realiza o fechamento de um espaço discursivo (no próprio momento da análise); 2) Ela supõe um procedimento lingüístico de determinação das relações inerentes ao texto (deve-se operar a materialidade lingüística); e 3) Ela produz no discurso uma relação do lingüístico com o exterior da língua (como dar conta do texto senão em uma perspectiva que assume o discurso como universo logicamente desestabilizado visto que comporta o dentro e o fora, como se fossem o verdadeiro e o falso, juntos?). Afirmam os analistas filiados à escola francesa que existem duas instâncias as quais são a garantia de todos os dizeres: a paráfrase é a base (o mesmo) e a polissemia (como o novo sobre o mesmo). Segue-se daí que o discurso é a materialidade da ideologia e a língua é a materialidade do discurso, como nos diz Orlandi.

Em suma, retomando a comparação entre a AD e a ADC, temos, por um lado, os teóricos mais representativos da AD afetados pela atmosfera intelectual do período estruturalista anterior e posterior a maio de 68 na França (período de ascensão e queda do paradigma estruturalista), e, por outro, na ADC, teóricos que estão procurando equacionar os problemas sem resposta de múltiplas tradições intelectuais, em um esforço de síntese crítica, voltada para os problemas sociais mais urgentes. Ao mesmo tempo em que não podemos tomar como compatíveis, em sua totalidade, os empreendimentos de Pêcheux e Fairclough, existem pontos nos quais eles se encontram, apesar do contexto no qual estão/estavam inseridos. Por exemplo, dentre muitos conceitos comuns, aquele que se caracteriza como um dos mais importantes e que nos permitiria a aproximação é o de *interdiscursividade*. Existe um consenso sobre ele no que diz respeito à sua primazia, na forma como constitui a discursividade. No entanto, sua aplicação, apesar de idêntica na forma lingüística, é transportada na ADC das considerações de Pêcheux, onde a interdiscursividade é *um todo complexo de formações discursivas com dominante* que emerge do conjunto de formações ideológicas, para a aplicação da noção de ordem do discurso, onde não se aceita a ideologia em Althusser como cimento social, mas o conceito de hegemonia enquanto luta que abre a possibilidade de articulação e rearticulação das ordens do discurso. São portanto detalhes que passariam despercebidos se a mesma forma lingüística fosse veiculada por analistas provenientes tanto de uma escola como de outra.

### O sujeito ou o agente-sujeito?

Eis aqui um verdadeiro campo de batalha pela definição do sujeito/agente: é

*a intencionalidade que pauta nossas práticas discursivas, em uma relação dialética entre estrutura e agência humana, ou é a nossa constituição enquanto sujeitos um efeito de uma posição social representada no discurso, que não deixa de nos excluir enquanto indivíduos centrados e responsáveis?*

Existem grandes reivindicações nos dois campos e aqui estamos em um espaço de confronto aberto. Para a ADC, o processo de interpelação ideológica, tal como é descrito na AD, é muito rígido e faz com que o sujeito desapareça ao estilo estruturalista. Para Fairclough, o agente-sujeito é uma posição intermediária, situada entre a determinação estrutural e a agência consciente. Ao mesmo tempo em que sofre uma determinação inconsciente, ele trabalha sobre as estruturas no sentido de modificá-las conscientemente, em um espaço que se afirma muito mais amplo que na AD. É como se a estrutura estivesse em constante risco material em função de práticas cotidianas de agentes conscientes. A respeito dessa consideração de Fairclough, Pêcheux nos apresentaria os limites e o lugar privilegiado de observação do analista no limite do processo de interpelação:

*Apreender até seu limite máximo a interpelação ideológica como ritual supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas, uma palavra pela outra é a definição da metáfora mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso.* (grifo nosso, PÊCHEUX, 1975).

O autor está sobretudo sinalizando o espaço onde o analista pode se situar para apreender o lugar do sujeito no momento em que o funcionamento ideológico que o posiciona falha. Essa é uma posição de 1975, mas ela evolui para outra onde não está mais em questão, como esteve, a libertação das massas por uma via única autorizada pela tomada da consciência de classe a partir do marxismo-leninismo<sup>6</sup>. Instaura-se um posicionamento onde o aparelho teórico da AD pode e deve ser conjugado com um *gesto de leitura* conforme a área das humanidades na qual o pesquisador se insere.

Apesar da distância que assume, Fairclough ainda está dialogando com a possibilidade de interpelação inconsciente dos sujeitos do discurso. Mas o sujeito do desejo e do inconsciente lacaniano, transportado e transformado na AD, não está presente. Outros elementos, no entanto, estão: a força de persuasão e dominação está para a noção de hegemonia, e a ideologia, desviada dos empreendimentos de Althusser, aponta para uma caracterização encontrada em Thompson. Sobre esta questão, nos fala Fairclough:

*Particularmente, o trabalho de Althusser contém uma contradição não resolvida entre uma visão de dominação que é imposição unilateral e reprodução de uma ideologia dominante. A teoria do Sujeito Althusseriana exagera a constituição ideológica dos sujeitos e subestima a capacidade dos sujeitos agirem individual ou coletivamente como agentes.* (FAIRCLOUGH, 1994).

## **CONSENSO NA crítica a FOUCAULT: reformismo teórico e relativismo**

No que diz respeito à escolha da noção de hegemonia para colocá-la no lugar da noção de poder em Foucault, ou do desvio da noção de Ideologia em Althusser, especialmente para tratar da luta política no interior e pelo discurso, Pêcheux e Fairclough parecem concordar em suas críticas a Foucault. A posição é bastante conhecida. Identifica em Foucault um relativismo e, por conseguinte, a falta de uma tomada de posição explícita na luta política. Enquanto Fairclough afirma por esse motivo que a noção de hegemonia serve muito mais para a análise de discurso do que a noção de poder em Foucault, Pêcheux critica com Lecourt o apagamento da contradição fundamental que se apresentou com Foucault no ressurgimento de uma terminologia que

*contorna indefinidamente a questão do poder do estado como espaço da luta de classes*<sup>5</sup> (PÊCHEUX, 1980).

Ambos defendem, pois, uma *análise ideológica do discurso*, embora tenham trilhado caminhos diferentes na história do marxismo: Fairclough, neomarxista filiado às leituras da obras de Marx pela Escola de Frankfurt; Pêcheux, filiado ao que se convencionou chamar *althusserianos de segunda geração*, aqueles que sobreviveram aos Elementos de autocritica de 1974 de Althusser. É também pelo antimarxismo de Foucault que as duas vozes levantam-se, em conjunturas bem diferentes, sobre o mesmo ponto: exige-se o engajamento de Foucault, porque se admite o valor de seus trabalhos na luta política.

### Considerações Finais

Apesar da incompatibilidade entre as duas práticas em análise de discurso, existem pontos bastante curiosos onde Fairclough retoma Pêcheux e se esforça em sintetizar, não só a análise do discurso de linha francesa, mas as discussões da Linguística Crítica Inglesa, da análise da Conversação e de Pierre Bourdieu sobre a *economia das trocas lingüísticas*. Dentre esses curiosos pontos, poderíamos destacar o deslocamento promovido por Fairclough da noção de poder em Foucault para a noção de hegemonia em Gramsci. Outro importante deslocamento é resultado das famosas discussões no interior do marxismo entre humanistas e anti-humanistas, entre as correntes social-democrata inglesa e soviética, entre marxistas “idealistas” hegelianos e materialistas economicistas. Isso se reflete em parte nas propostas de engajamento da análise de discurso nos dois domínios: Pêcheux defendia uma tomada de posição pelo marxismo-leninismo, Fairclough se coloca hoje entre os neomarxistas que procuram dar conta das transformações do capitalismo face à globalização. Em nossa tentativa de abordar de forma ampla os dois empreendimentos em análise de discurso, as questões teóricas, epistemológicas e ideológicas, assim como as questões políticas já citadas, não foram trabalhadas em profundidade. O que resta de nosso movimento de aproximação das duas análises de discurso é a formulação de um quadro preliminar, onde os pontos fundamentais das duas práticas teórico-analíticas foram cotejados. Um trabalho de grande valor, neste mesmo âmbito de comparação entre as práticas analíticas, poderia trazer a comparação de duas análises concretas, uma da AD e outra da ADC, sobre um mesmo tema, visando mensurar a poder explicativo e/ou interpretativo das duas propostas.

	AD	ADC
Ideologia	Althusser	Thompson
Língua	Forma <i>material</i> heterogênea atravessada pela historicidade	Forma <i>Abstrata</i> com inserção do Social

<b>Método</b>	Análise de máquinas discursivo-estruturais (1969 até 1975) e disciplina de interpretação e leitura	Análise Sistêmica da estrutura organizacional do Texto (Halliday)
<b>Discurso</b>	Efeito de Sentido entre locutores	Dimensão da prática social constituída por duas instâncias: texto (descritiva) e prática discursiva (interpretativa)
<b>Ênfase</b>	Trabalho teórico-abstrato	Empirista
<b>Interrogantes</b>	Como a estrutura da língua autoriza funcionamentos tão distintos?	Como o discurso contribui nos processos de mudança social?
<b>Fundamentos Epistemológicos</b>	Materialismo Histórico Psicanálise e Linguística	Escola de Frankfurt e Realismo Crítico de Bhaskar
<b>Posição Institucional</b>	Transdisciplinar	Interdisciplinar

#### Notas:

<sup>1</sup> Sob o rótulo de análise de discurso francesa nós vamos estar tratando de algumas contribuições teóricas de Michel Pêcheux, de J.J. Courtine e de Eni Orlandi. A abreviação AD será utilizada para fazer referência a esta corrente de análise de discurso.

<sup>2</sup> A análise do discurso crítica abarca vários empreendimentos teóricos, logo não possui uma homogeneidade interna. Sob este título, ao longo do texto abreviado para ADC, pretendemos trabalhar com a obra *Discurso e Mudança Social* de Norman Fairclough, pois se trata de uma obra onde ele apresenta os fundamentos de sua teoria social do discurso. Outros exemplos de autores que também são conhecidos como analistas críticos do discurso são Ruth Wodak, com uma abordagem mais foucaultiana, e Van Dijk, com uma perspectiva sociocognitiva.

<sup>3</sup> Um bom exemplo dessa multiplicidade é fornecido por Michael Stubbs em *What is meant by Discourse Analysis*, que pode ser obtido no endereço: <http://www.discourse-and-society.org/discourse.html>.

<sup>4</sup> Trata-se de uma corrente da filosofia da ciência desenvolvida por Roy Bhaskar. Muitas informações sobre essa tendência podem ser encontradas no sítio do realismo crítico, no endereço: <http://www.raggedclaws.com/criticalrealism>

<sup>5</sup> Este trecho foi extraído do artigo de Pêcheux: *Remontémos de Foucault a Spinoza*, um texto bastante representativo desta discussão sobre o posicionamento de Foucault.

<sup>6</sup> Segundo Pêcheux: *O aspecto ideológico da luta para a transformação das relações de produção se localiza, pois, antes de mais nada, na luta para impor, no interior do complexo dos*

*AIEs, novas relações de desigualdade-subordinação - o que acarretaria uma transformação no complexo dos AIEs e no próprio aparelho de Estado* (PÊCHEUX, 1975).

### **Referências Bibliográficas**

FAIRCLOGH, Norman. *Discurso e mudança social*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

GADET, F. & HAK, T. (orgs.) *Por uma Análise Automática do Discurso. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux*. Editora da Unicamp, 1990.

GOUVEIA, Carlos A. M. *Análise crítica do discurso: enquadramento histórico*. Publicado pelo autor no site da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no endereço: <http://www.fl.ul.pt/pessoais/egouveia/downloads/HCC.pdf> (acessado em 14/07/03).

ORLANDI, E. A análise de discurso e seus entremeios: notas para a sua história no Brasil. In: Caderno de Estudos Lingüísticos (42), Campinas: Jan./Jun. 2002.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso*, Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

\_\_\_\_\_. *Remontémons de Foucault a Spinoza*. In: MONTEFORTE, M. (org.) *El discurso político*. México: Ed. Nueva Imagem, 1980.